

DIÁRIO DAS ILHAS¹: VIAGEM ACADÊMICA A CINCO ILHAS DE CABO VERDEÉrica Antunes Pereira e Genivaldo Rodrigues Sobrinho²QUEM SOMOS? BREVE EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA...³

Frequentemente, somos indagados por amigos, colegas, alunos e professores de outras áreas a respeito de nossa trajetória acadêmica e de nosso interesse pelas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Então, para começar o Diário Acadêmico, reputamos necessária uma breve exposição de nossos percursos e de nossas pesquisas:

ÉRICA ANTUNES PEREIRA

O primeiro pensamento que tive quando sentei para escrever este Diário Acadêmico sobre minha pesquisa acerca da representação da mulher na Poesia Africana de Língua Portuguesa e, principalmente, sobre a experiência adquirida com a viagem acadêmica a Cabo Verde foi: “Não é nada bonito começar com um plágio”. No entanto, parece-me demais necessário seguir os passos de, entre outros, Gayatri Spivak e Albert Memmi, que, respectivamente, nos ensaios “Quem reivindica a alteridade?” (1994, p. 187-205) e “Defesa de um tirano” (1975, p. 177-198), situaram-se pessoal, histórica e socialmente para só depois problematizarem algumas questões, em especial, no caso deles, o conceito de subalternidade imposto à mulher pelo que chamaram de “cultura imperialista” e “sociedade colonizada”.

¹ “Diário das Ilhas” é um romance do caboverdiano Manuel Veiga. O título deste Diário Acadêmico é uma evidente remissão ao da referida obra.

² Doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), ela com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mails: erica.antunes@gmail.com e genivaldosobrinho@gmail.com.

³ Importante: Todas as imagens constantes neste Diário Acadêmico pertencem ao Grupo de Estudos Caboverdianos de Literatura e Cultura CNPq/USP.

Pois bem. Diferentemente de Memmi, não me considero suspeita e opressora porque minha condição primeira me salva: sou, como Spivak, mulher; mas ao contrário desta, não pertenco a nenhuma casta hindu e minha história de vida é, com certeza, muito mais singela. Falo de um lugar comum a tantas outras mulheres brasileiras de classe média que, dotadas de alguma liberdade afetiva e financeira, interessam-se pelo lugar de outras tantas mulheres que não têm a mesma sorte, sejam elas brasileiras ou não.

Inevitável, assim, não empunhar uma espécie de espelho invertido: recuperando Parmênides, sou e ao mesmo tempo não sou todas essas mulheres. Nessa senda, lembro uma conversa que tive já há algum tempo com a ex-desembargadora e feminista gaúcha Maria Berenice Dias, conhecida por lutar em defesa das minorias, em que comentávamos a dificuldade das pessoas de compreenderem a razão de “abraçarmos uma causa que, a rigor, não é nossa”. Não é e é. Porque se partirmos de uma escala mais larga, macroestrutural e jurídica, a condição de “mulher” dá lugar à condição de “pessoa” e, assim, posso “invadir” outras paragens, outras paisagens, tomando-as, de alguma forma, como minhas. Trata-se de um olhar “de fora” que, paradoxalmente, é também um olhar “de dentro”.

O fato de não ser angolana, caboverdiana, moçambicana ou são-tomense, portanto, não me impede de pensar na situação da mulher nesses quatro países africanos que, juntos, somam quase 35 milhões de habitantes e exatos 2.051.114 km². E foi logo ao ingressar no curso de Direito – minha primeira formação –, ainda na adolescência, que, durante as aulas de um velho professor de Teoria Geral do Direito sobre as Ordenações do Reino, travei os primeiros contatos com a história das ex-colônias portuguesas. Naquele ano de 1994, causou-me espécie saber que a independência de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe havia se dado há menos de vinte anos!

Até concluir o curso, teria algumas outras oportunidades de cotejar o sistema jurídico brasileiro com o português e os africanos de língua portuguesa e, posteriormente, já advogada militante na área do Direito de Família, assumi a causa de uma brasileira que, casada com um angolano e alegando violência doméstica, não queria regressar com os filhos a Luanda depois das férias em visita ao Brasil. Nessa altura, estava prestes a concluir também o curso de Letras e, somando as experiências na seara jurídica com o interesse pela cultura e literatura dos países africanos de língua portuguesa – com destaque para a de Angola, na época –, ingressei, em 2003, ainda com a graduação em Letras em curso, no Mestrado em Letras na Universidade Estadual de Londrina, sob a orientação do Professor Doutor Sérgio Paulo Adolfo, com um projeto em que analisava a expressão do erotismo na poesia da brasileira Adélia Prado e na da angolana Paula Tavares.

Concluído o Mestrado, procurei conciliar o exercício da advocacia com o de pesquisa até o final de 2005; entretanto, era uma situação momentânea e eu sabia que, em breve, teria de romper com o Direito. Passei, então, pelo teste seletivo para o Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo e, sob a orientação da Professora Doutora Tania Celestino de Macêdo, venho desenvolvendo, desde 2006, a pesquisa provisoriamente intitulada “De catanas e batons: a construção da identidade feminina na poesia angolana, caboverdiana, moçambicana e são-tomense – análise das obras de Alda Lara, Paula Tavares, Vera Duarte, Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo e Conceição Lima”, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Desta forma, desde 2003, ano de meu ingresso no Mestrado, acalentava – e ainda acalento – o desejo de conhecer os países africanos de língua oficial portuguesa. Cabo Verde, até há pouco tempo, não era prioridade, pois minha pesquisa primeiro se concentrava na Literatura de Angola e posteriormente, tendo ingressado no Doutorado em 2006, estendeu-se para Moçambique e São Tomé e Príncipe. Só em 2008, após frequentar as aulas de Literatura Caboverdiana, em especial sobre a Escrita Feminina, ministradas pela Professora Doutora Simone Caputo Gomes e participar – como membro da Comissão Executiva Discente e na produção da Mostra de Cinema agregada ao evento – da organização do I Seminário Internacional de Estudos Caboverdianos, organizado também pela Professora, é que meu interesse pela literatura e pela cultura do arquipélago tomou consistência. Em 2009, após o exame de qualificação, foi semeada a possibilidade de participar de eventos em Cabo Verde – o que foi possível graças à reserva técnica de minha bolsa de Doutorado concedida pela FAPESP – e, em reunião com minha orientadora, a Professora Doutora Tania Celestino de Macêdo, concordamos que a pesquisa ganharia em qualidade se fosse acrescida no corpus a poesia da caboverdiana Vera Duarte.

Foi o que fiz, sem pestanejar.



GENIVALDO RODRIGUES SOBRINHO

Tudo começou a partir do ano 2000, quando a UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, onde trabalho desde 1995 – firmou um convênio, criando juntamente com a USP – Universidade de São Paulo – e a CAPES, o Programa de Qualificação Interinstitucional – PQI, com o objetivo de qualificar em nível de Mestrado o seu quadro de professores de literaturas.

Como a área de concentração estava voltada especificamente para os Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, após uma reunião de estudos com a

Professora Doutora Tania Celestino de Macêdo, minha então orientadora, ficou estabelecido que o meu projeto abordaria a comparação de dois contos: “Fronteira”, do escritor português Miguel Torga, e “O galo que cantou na baía”, escrito pelo caboverdiano Manuel Lopes.

Posso dizer, então, que foi a partir da leitura do conto do escritor claridoso que nasceu a minha paixão pelo universo literário e cultural de Cabo Verde e, conseqüentemente, pelas demais literaturas africanas de língua portuguesa.

Confesso que me identifiquei muito com diversas personagens, com as histórias de luta e a forma de produzir desses escritores. Dessa forma, comecei a investir na aquisição das obras e, à medida que lia os textos, a vontade de descobrir mais só aumentava.

O projeto de comparação entre Miguel Torga e Manuel Lopes ficou pelo caminho. A banca de qualificação do mestrado achou por bem adiar o trabalho, uma vez que Miguel Torga foi um escritor de transição. Assim, escrevi minha dissertação comparando as três versões do conto “O galo que cantou na baía”, de Manuel Lopes, inicialmente publicado no número 2 da Revista *Claridade*, em 1936.

No prosseguimento de meu percurso acadêmico, já em nível de doutoramento, deixei os claridosos um pouco de lado e decidi investigar um escritor que pertenceu à geração anterior, comumente denominada geração pré-claridosa.

Foi então que, em reunião com minha orientadora, na época a Professora Doutora Tania Celestino de Macêdo, decidi trabalhar com o compositor, poeta, escritor, jornalista, artista popular e polemista da Ilha Brava Eugénio Tavares, que produziu entre as décadas de 1890 e 1930, deixando uma grande contribuição para as letras caboverdianas.

Com efeito, pode-se dizer, então, que nasceu aí o desejo de um dia poder percorrer as ilhas, num mergulho direto na cultura caboverdiana.

Dificuldades de diversa ordem fizeram com que o sonho fosse adiado ao longo dos anos. Em 2007, com o ingresso da Professora Doutora Simone Caputo Gomes, considerada a maior especialista em Literatura Caboverdiana do Brasil, à Universidade de São Paulo, a Professora Doutora Tania Celestino de Macêdo sugeriu que minha orientação fosse transferida à primeira. Desde então, os contatos com a cultura e a literatura caboverdiana se intensificaram e, conforme a pesquisa também se desenrolava, o desejo voltou com força total e vi que era chegada a hora de concentrar todos os esforços para que a viagem a Cabo Verde, finalmente, se transformasse em realidade.

Tomada a decisão de ir para Cabo Verde, no segundo semestre de 2009, com a pesquisa qualificada em maio, iniciei os preparativos necessários para o momento maior: embarcar rumo à África. Tudo conspirava a meu favor: fui convidado para dois almoços de confraternização, na Associação Caboverdeana do Brasil, na cidade de Santo André. O primeiro foi com o presidente da Assembleia Nacional de Cabo Verde, Dr. Aristides

Raimundo Lima, no dia 21 de setembro de 2009. O segundo foi com o primeiro ministro de Cabo Verde Dr. José Maria Neves.

Os contatos mantidos durante estes dois momentos foram marcantes, além de enriquecedores, uma vez que obtínhamos mais e mais informações decisivas para que o percurso pelas ilhas fosse bem-sucedido e sem nenhuma espécie de transtorno.

Ao longo de todo o período preparatório da viagem contei com o apoio, o incentivo e a colaboração de minha orientadora, Professora Doutora Simone Caputo Gomes, cujo conhecimento da literatura, da cultura e do país muito contribuiu para o sucesso neste mergulho acadêmico-científico.

OS PREPARATIVOS

Com o ingresso, mediante concurso público, da Professora Doutora Simone Caputo Gomes à Universidade de São Paulo, foi criado o Grupo de Estudos Caboverdianos de Literatura e Cultura CNPq/USP. Com esta iniciativa, alunos, professores da área e de outros Estados do Brasil e do exterior foram convidados a ingressar e participar das atividades, entre elas a organização do I Seminário Internacional de Estudos Caboverdianos, realizado de 25 a 28 de novembro de 2008, que contou com a presença de mais de 20 personalidades caboverdianas, entre pesquisadores, escritores, poetas e artistas plásticos, além de inúmeros estudiosos brasileiros da área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

O grupo que se formou para visitar Cabo Verde e lá apresentar trabalhos acadêmicos surgiu no segundo semestre de 2009. Alguns dos integrantes já haviam manifestado o desejo de ir ao arquipélago, mas foi com o início das aulas ministradas pela Professora Doutora Simone Caputo Gomes na Pós-Graduação que o projeto tomou consistência e foi externado junto aos participantes do curso. Dessa forma, outros interessados apareceram e foram incentivados a realmente fazer as malas.

A equipe inicial era composta pelos seguintes membros: Érica Antunes Pereira (orientanda da Professora Doutora Tania Celestino de Macêdo), Antonio Aparecido Mantovani, Genivaldo Rodrigues Sobrinho e a Professora Doutora Simone Caputo Gomes, orientadora dos rapazes e líder do grupo. Posteriormente, juntaram-se outras duas componentes: Cláudia Maria Fernandes Corrêa (orientanda

do Professor Doutor Lynn Mario Trindade Menezes de Souza, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) e Cristina Amaral Maran (aluna especial do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com pretensão de realizar o teste seletivo para ingresso no Mestrado).



Da esquerda p/ a direita: Cristina, Cláudia, Érica, Genivaldo, Mantovani e Simone.

Assim, estando constituída o que, em Cabo Verde, denominariam “a delegação brasileira”, tratamos de providenciar a documentação necessária para a concessão do visto. O cônsul honorário de Cabo Verde, Aguinaldo Rocha, convidou a todos para uma reunião no Consulado, o que ocorreu no final da manhã de 09 de novembro de 2009. Gentilmente, recebeu-nos em seu gabinete e, após ouvir nossos planos de trabalho em terras caboverdianas, explanou sobre o país – havia, na época, um surto de dengue que assombrava algumas ilhas – e, ao final, presenteou-nos com vistos de cortesia. Além disso, deu-nos uma informação que logo descobriríamos ser de grande valia: se comprássemos os “passes interilhas” (passagens para o deslocamento aéreo entre as ilhas caboverdianas) a partir do Brasil, o custo seria bastante menor.

Com os passaportes carimbados, iniciamos os preparativos para uma viagem que, adivinhamos, seria inesquecível, tanto pelo que produziríamos em termos de pesquisa, quanto pela experiência em terras além-mar.

As primeiras providências foram: 1- efetuar a compra das passagens aéreas para Cabo Verde a partir de São Paulo (o voo pelos TACV – Transportes Aéreos de Cabo Verde – parte de Fortaleza, mas há um convênio firmado por esta empresa com a TAM que permite comprar a “passagem cheia”, ou seja, com ponto de partida de qualquer lugar do país servido pela TAM, com direito a dois volumes de até 25 quilos cada); 2- efetuar a compra dos “passes interilhas” (Praia/São Filipe, São Filipe/Praia/Mindelo; Mindelo/Praia) junto aos TACV; 3- contratar um seguro-viagem;

4- cambiar reais em dólares e/ou euros – moedas aceitas sem problema em Cabo Verde, uma vez que o uso de cartão de crédito ainda é pouco disseminado nas ilhas;
5- contratar uma empresa de transportes para o nosso deslocamento até o aeroporto internacional de Guarulhos, pois levaríamos muita bagagem (combinamos que cada um portaria, além da própria mala, outra com livros da Professora Doutora Simone Caputo Gomes destinados ao Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde) e precisávamos de um meio de transporte que nos levasse até Cumbica com conforto, segurança e sem atropelos.

Além disso tudo, ainda nos preocupamos com a elaboração de um roteiro de atividades que realizaríamos durante nossa estadia em Cabo Verde. Queríamos aproveitar ao máximo o tempo que passaríamos lá para desenvolver trabalhos de ordem acadêmica, como, por exemplo, apresentar nossas pesquisas em eventos, entrevistar autores e/ou estudiosos caboverdianos, realizar pesquisas bibliográficas e ter contato com a população a fim de conhecer sua vida cotidiana.

A PARTIDA

Assim, com tudo organizado e as malas feitas, chegou o dia 06 de dezembro de 2009. O embarque para Fortaleza ocorreu às 11:30. De lá, partiríamos para a Praia (capital de Cabo Verde, situada na Ilha de Santiago) no voo dos TACV, à 1:30 do dia 07.

Enquanto esperávamos o voo, já feito o check-in no Aeroporto de Cumbica, tivemos a grata surpresa de encontrar um grupo de mais ou menos 15 alunos caboverdianos que vinham de Cochabamba, Bolívia, e faziam escala em São Paulo, aguardando o mesmo voo que o nosso. Retornavam a Cabo Verde para curtir as festas de fim de ano com a família; o senso de humor deles, mesmo depois de já terem passado quase 24 horas no saguão do aeroporto, deixou-nos impressionados. Sem dúvida, foi uma pequena mostra da *morabeza* (amorabilidade) caboverdiana.

O voo até Fortaleza foi tranquilo e, lá, em virtude do longo período que teríamos de aguardar até o voo para Cabo Verde, fomos recebidos pela família do Sr. Roberto Amaral, irmão de Cristina Amaral Maran, uma das integrantes do nosso grupo. Realizamos, então, um passeio guiado pela cidade.

À meia-noite nos deslocamos até o aeroporto de Fortaleza, fizemos o check-in nos TACV e começamos mais um período de longa espera, porque o voo atrasou

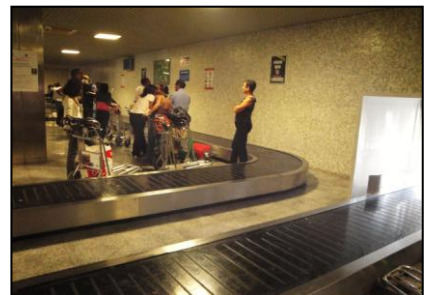
bastante. Num primeiro momento, fomos informados de que sairia à 1:30 do dia 07 de dezembro, depois às 4:00, mas somente às 6:00 conseguimos embarcar.

Uma situação nos chamou muito a atenção: a aeronave estava completamente lotada em decorrência das férias, festas de fim de ano e, sobretudo, das *rabidantes* (sacoleiras) que voltavam do Brasil carregadas de compras. Isso, descobríamos logo na chegada à Praia, seria um grande transtorno para Antonio Mantovani e para a Professora Doutora Simone Caputo Gomes, pois, em decorrência do sobrepeso da aeronave, tiveram, cada um deles, uma de suas malas retida em Fortaleza.

ILHA DE SANTIAGO

Dia 07 de dezembro

Depois de aproximadamente 3 horas e 45 minutos, já no dia 07 de dezembro, desembarcamos em solo caboverdiano e tivemos a mais que grata satisfação de sermos calorosamente recebidos por um dos maiores – senão o maior – poetas caboverdianos, Corsino Fortes, que nos aguardava já na sala de desembarque, junto às esteiras para retirada de bagagem.



Chegada à Praia, Ilha de Santiago, Cabo Verde.

Com o transtorno das malas extraviadas, tivemos que cumprir algumas formalidades a fim de recuperá-las. Contamos com a ajuda do próprio Corsino

Fortes, além de um sem número de pessoas que tudo fizeram para que o problema fosse resolvido o mais rápido possível. Antonio Mantovani foi obrigado a, já no primeiro dia, fazer uma visita ao Mercado de Sucupira – uma espécie de feira livre em que se encontra praticamente de tudo e de que falaremos adiante – para comprar algumas roupas. A Professora Doutora Simone Caputo Gomes teve um pouco mais de sorte, posto que sua mala extraviada continha livros, não roupas.



Mantovani com o recibo de compra de roupas no Mercado de Sucupira.

Passado esse momento de tensão, conseguimos chegar ao Palmarejo, bairro da Praia onde ficava o apartamento que alugamos para a temporada visando diminuir as despesas com hospedagem. E tivemos sorte! O apartamento era recém-construído e muito bem equipado e decorado, com dois quartos (um deles com ar condicionado), dois banheiros (um com banheira), sala com televisor e confortáveis sofás, cozinha com fogão, microondas, frigobar e lavadora de roupas. No valor do aluguel também já estavam contabilizados os serviços de uma arrumadeira, Indira, que também cozinhava e lavava/passava roupas. Ficamos, de fato, muito bem acomodados.



Palmarejo. À direita, o prédio onde ficava “nosso” apartamento.

Duas integrantes do grupo, Cláudia e Cristina – que se interessaram pela viagem em momento posterior e, portanto, não puderam se instalar conosco por falta de espaço – hospedaram-se na Pensão Praia Maria, no Plateau, e também ficaram satisfeitas com as acomodações, sem falar que puderam vivenciar o cotidiano da

parte histórica da cidade, como o comércio feito nas ruas pelas vendeadeiras.



Residencial Praia Maria e imediações.

Depois de estarmos devidamente alojados, tivemos algumas horas livres que usamos para trocar parte de nosso dinheiro (dólares e/ou euros) por escudos caboverdianos, fazer um lanche, contatar a família e descansar um pouco, porque a maratona só estava começando.

O primeiro compromisso oficial foi nas dependências do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro da República de Cabo Verde, onde iniciamos as pesquisas bibliográficas e a apresentação de nossos trabalhos acadêmicos.

À noite, fomos recebidos para um jantar típico caboverdiano na casa da então Ministra da Educação e Ensino Superior e poeta Vera Duarte. Comemos uma deliciosa katchupa rica (espécie de cozido composto por carne de porco, boi e galinha, linguiça da terra, milho *cutchido* – pilado –, feijão, batata-doce, mandioca, couve, abóbora, cebola e cenoura), experimentamos *grogue* (aguardente caboverdiana) e licor da terra, tratamos da relação Brasil/Cabo Verde e falamos bastante sobre literatura. Desse encontro amistoso, restou também agendada uma entrevista com a anfitriã, visando ouvi-la acerca de sua trajetória pessoal, profissional e literária.



Katchupa rica

Era só uma pequena mostra do que viria pela frente...

Dia 08 de dezembro

No dia 08 de dezembro, logo pela manhã, a Professora Doutora Simone Caputo Gomes compareceu a uma reunião com o Reitor da Universidade de Cabo Verde (UNICV), António Correia e Silva, para conversações sobre o estabelecimento de convênio com a Universidade de São Paulo (USP), a fim de viabilizar o intercâmbio de/entre estudantes universitários de ambos os países.



Universidade de Cabo Verde (UNICV).

Em seguida, todos nos dirigimos ao Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL), onde continuamos a apresentar nossos trabalhos, e fomos recebidos pelo seu Presidente, Joaquim Moraes, que nos levou ao armazém para selecionarmos as obras pertinentes às nossas pesquisas. Separamos, então, dezenas de livros – alguns deles bastante raros – que pretendíamos adquirir no final da viagem (muitos nos foram doados), evitando, desta forma, carregar muito peso nos percursos entre as ilhas.



Foto 1- Sede do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL). Foto 2- Mantovani, Dina Salústio e Genivaldo no armazém do IBNL. Foto 3- Genivaldo, Simone e funcionário do IBNL durante a seleção de obras para aquisição. Foto 4- Simone em pleno trabalho no IBNL.

À noite, no 5^{al} da Música, fomos recepcionados pelo Ministro da Cultura Manuel Veiga, pela Ministra da Educação Vera Duarte, pelo Presidente da Associação dos Escritores Caboverdianos Corsino Fortes, pelo Presidente do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro Joaquim Moraes, pelo Secretário Executivo da Sociedade Caboverdiana de Autores (SOCA) Danny Spínola e por mais 15 personalidades da intelectualidade de Cabo Verde.

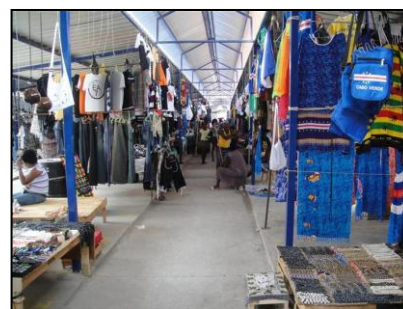


Jantar no 5^{al} da Música

Tivemos a oportunidade de, nessa mesma ocasião, entrevistar a escritora Dina Salústio a respeito de alguns aspectos de sua obra narrativa, bem como de agendar, com Corsino Fortes, uma entrevista, por escrito, também sobre sua obra literária.

Dia 09 de dezembro

O dia 09 de dezembro foi marcado pela nossa visita ao Mercado de Sucupira. Lá, pudemos comprar artesanato típico, conhecer de forma mais próxima as pessoas que ganham a vida com a venda de produtos vindos de diversas partes do mundo, em especial do continente africano, bem como vivenciar um pouco mais o comportamento e/ou a maneira de estar no mundo dos caboverdianos.



Mercado de Sucupira

À tarde, novamente nos dirigimos até o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro para apresentar trabalhos e, após o cumprimento de tal compromisso, o grupo se dividiu. Uma parte se deslocou até a residência da escritora Vera Duarte para a realização da primeira parte da entrevista que, posteriormente, seria continuada no Mindelo, Ilha de São Vicente, local de nascimento da autora.

A outra parte da equipe encaminhou-se até a Rádio Nacional de Cabo Verde para conceder uma longa entrevista à Professora Fátima Fernandes, da Universidade de Cabo Verde (UNICV), que apresenta o programa “Tertúlias Literárias”. Na ocasião, tivemos a oportunidade de expor em detalhes os projetos de Pós-Graduação desenvolvidos pelos alunos do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e do trabalho do Grupo de Estudos Caboverdianos de Literatura e Cultura CNPq/USP, sob a liderança da Professora Doutora Simone Caputo Gomes.



Foto 1- Vera Duarte durante a entrevista realizada em sua residência. Fotos 2, 3 e 4- Equipe sendo entrevistada na sede da Rádio Nacional de Cabo Verde.

Após uma pequena pausa, comparecemos à solenidade de abertura oficial da Exposição Darwin Now, ocorrida nas dependências do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, ocasião em que fomos cumprimentados por figuras ilustres da política e da sociedade caboverdiana, entre elas o Presidente da República de Cabo Verde, Pedro Pires, que delicadamente perguntou se estávamos bem instalados e como iam nossas pesquisas. Ficamos lisonjeados com tamanha receptividade!



À esquerda, a equipe com a Embaixadora do Brasil em Cabo Verde, Maria Dulce Barros. No centro e à direita, o Excelentíssimo Presidente da República de Cabo Verde, Pedro Pires.

Ainda nessa noite, acompanhamos o lançamento da obra *O universo feminino em António Aurélio Gonçalves*, de Maria João Gama, promovido pelo Instituto Camões, no Centro Cultural Português da Praia.

ILHA DO FOGO

Dia 10 de dezembro

No dia 10, ainda na cidade da Praia, voltamos logo cedo ao Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro para dar continuidade às pesquisas bibliográficas e, depois, almoçamos no Cyber Café Sofia, onde degustamos o popular *bitoque* (arroz, bife bovino, ovos fritos e salada de alface com tomate) e encontramos o poeta Arménio Vieira, vencedor do Prémio Camões 2009. Em seguida, deslocamo-nos para o Aeroporto da Praia e embarcamos para a Ilha do Fogo.

A viagem durou cerca de meia hora e, já em São Filipe, capital da Ilha do Fogo, fomos recepcionados pelo professor, historiador e maior especialista em tradições foguenses Fausto Amarílio do Rosário, que nos guiou durante uma visita à Casa da Memória, mantida e coordenada pela Sra. Monique Widmer, e a um passeio pelo centro histórico de São Filipe.



Foto 1- Chegada a São Filipe, Ilha do Fogo. Foto 2- Aeródromo de São Filipe. – Foto 3- Casa da Memória, da esquerda p/ a direita: Mantovani, Fausto, Monique, Simone, Érica, Cristina e Cláudia. – Foto 4- Forte com cemitério de brancos ao fundo. – Foto 5- Museu Municipal de São Filipe. – Foto 6- Igreja Matriz de São Filipe.

Foi um momento ímpar de nossa viagem, uma vez que, além de visitarmos diversos sobrados, praças e moradas de pessoas ilustres do período colonial – inclusive a casa do romancista Henrique Teixeira de Sousa –, tivemos uma verdadeira aula de história da Ilha do Fogo e suas tradições seculares.



Praça e sobrados de São Filipe. No centro, a casa do romancista Teixeira de Sousa.

Ao entardecer, rumamos, numa van conduzida pelo senhor Domingos, a Chã das Caldeiras, povoamento distante aproximadamente 40 quilômetros de São Filipe, no sopé do Vulcão da Ilha do Fogo.

Passamos a noite na pousada Pedro Brabo, do francês Patrick, e, como estávamos a mais de mil metros acima do nível do mar, o frio era intenso. A comida, muito agradável e saborosa. O banho, gelado toda vida.



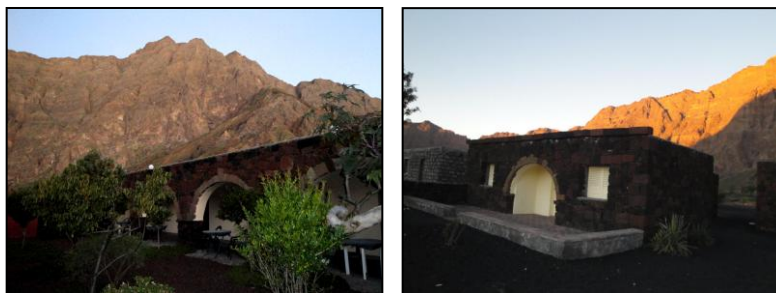


Foto 1- Entrada do Parque do Fogo, com vulcão ao fundo. Foto 2- Vulcão. Foto 3- Pousada Pedro Brabo, situada no sopé do vulcão. Foto 4- Casa típica da Ilha do Fogo.

Chamou-nos a atenção o silêncio quase absoluto após o desligamento do motor que fornece energia elétrica até às 22:00. O local também é marcante pela quantidade e pela intensidade das estrelas. É simplesmente encantador observar o céu, de dentro da cratera, à noite.

ILHA BRAVA

Dia 11 de dezembro

Na manhã do dia 11, bem cedinho, após um rápido desjejum, novamente conduzidos pelo Sr. Domingos, deslocamo-nos até o porto de São Filipe, a fim de tomar o catamarã em direção à Ilha Brava.

O horário marcado nos *tickets* dizia que o barco sairia às 8:30, todavia a nossa pressa em chegar ao porto foi recompensada com um atraso de mais de três horas. As dependências do porto são precárias – não há sanitários nem local para sentar, tampouco sombra para abrigar os passageiros do sol intenso –, o que tornou a espera muito cansativa.



Porto de São Filipe, Ilha do Fogo.

A travessia marítima entre a Ilha do Fogo e o porto de Furna demorou cerca de 50 minutos. Éramos ansiosamente aguardados pelo nosso guia, o senhor Aguinaldo, que ficou toda a manhã a nos esperar devido ao atraso do catamarã.



Porto de Furna, Ilha Brava.

No entanto, o desolamento provocado pelo atraso foi logo esquecido assim que iniciamos a subida até Vila de Nova Sintra, a capital da Ilha Brava. Pudemos comprovar *in loco* aquilo que já sabíamos dos textos de Eugénio Tavares. Todo o grupo ficou encantado com a paisagem e a beleza singular da menor das ilhas habitadas do arquipélago de Cabo Verde.



Foto 1- Vista de Nova Sintra. Foto 2- Paços do Concelho. Foto 3- Praça no centro de Nova Sintra.

Com a ajuda providencial do despachado guia, deixamos nossa bagagem no Residencial Nazareth, estrategicamente localizado em frente à Casa Museu Eugénio Tavares, e fomos rapidamente almoçar n'O Castelo. Não havia tempo a perder.



Foto 1- Residencial Nazareth. Foto 2- Restaurante Bar O Castelo.
Foto 3- Casa Museu Eugénio Tavares. Foto 4- Estátua de Eugénio Tavares.

Saciados com uma saborosa barriga de atum e *papas* (batatas) fritas, demos início a um dos passeios mais envolventes de toda a viagem.

Primeiro, visitamos a Casa Museu Eugénio Tavares e, em seguida, a praça de mesmo nome. Antes de chegar à freguesia Nossa Senhora do Monte, paramos em alguns mirantes de onde podíamos apreciar lindas vistas da Brava, bem como, ao longe, a Ilha do Fogo.



Nas três imagens, é possível ver a Ilha do Fogo ao fundo.

Impressionaram-nos as construções levadas a cabo pelos dólares enviados, sobretudo dos Estados Unidos da América, pelos emigrantes bravenses. Uma boa parte das lindas e confortáveis casas tem como objetivo abrigar seus proprietários durante as visitas que estes fazem à Ilha durante as férias.

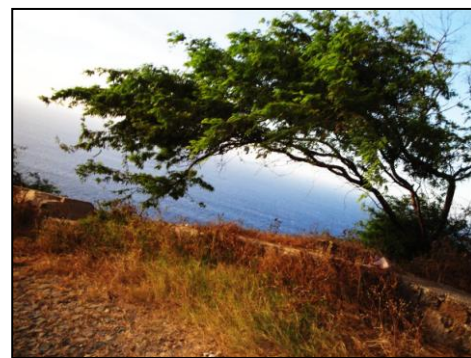


Foto 1- Construções da Ilha Brava. Foto 2- Dragoeiro. Foto 3- Tarrafo.

Mesmo com nosso tempo apertado, conseguimos conhecer o dragoeiro, uma árvore típica das ilhas da Macaronésia, o tarrafo (envergado, é símbolo da resistência caboverdiana), e chegar até a belíssima localidade conhecida como Fajã d'Água, que alberga um monumento em homenagem às dezenas de vítimas do naufrágio do navio Matilde, ocorrido em 1943, e cujo destino era os Estados Unidos da América.

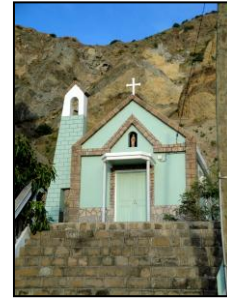
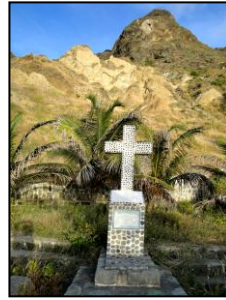
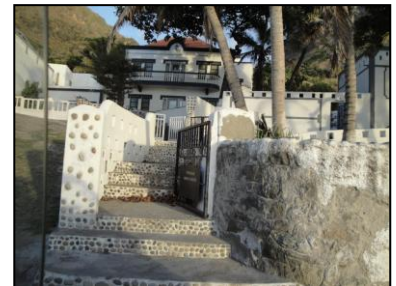
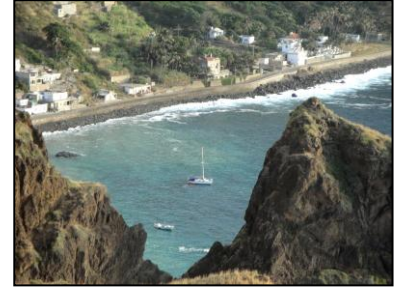
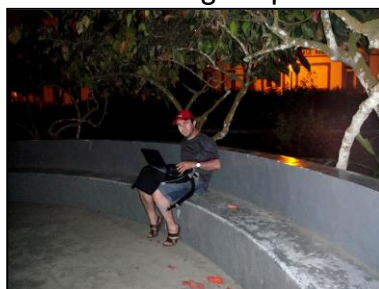


Foto 1- Montanha cortada manualmente para a abertura da estrada com destino a Fajã d'Água. Foto 2- Monumento em homenagem às vítimas do Matilde. Foto 3- Igreja situada ao lado do monumento.



A belíssima Fajã d'Água, na Ilha Brava.

Na volta à Vila de Nova Sintra, já noite cerrada, vivenciamos mais uma experiência marcante: pudemos acessar internet banda larga na Praça Eugénio Tavares e enviar mensagens e fotos da viagem para os quatro cantos do mundo!



Genivaldo "navegando" na Praça Eugénio Tavares.

Realmente, Cabo Verde está de parabéns em relação a isso: as praças de todas as capitais das ilhas por que passamos disponibilizam o acesso gratuito, via *wireless*, à internet. Só sentimos falta de tomadas para recarregar a aparelhagem.

ILHA DO FOGO

Dias 12 e 13 de dezembro

A corrida para aproveitar bem o tempo de que dispúnhamos continuava. Na manhã do dia 12, antes das 07 da manhã, o Sr. Aguinaldo já nos aguardava, pois o barco de pesca que nos levaria de novo à Ilha do Fogo sairia bem cedo. Era preciso correr.

A descida até o porto de Furna necessitava de muita atenção. O terreno íngreme não permitia nenhum vacilo. Apesar do esforço de nosso motorista-guia, chegamos com alguns minutinhos de atraso; só não perdemos o barco porque o Sr. Aguinaldo, amigo do capitão, telefonou a este e pediu que nos aguardasse alguns momentos para então partir. Embarcamos, enfim, com mais um sem número de pessoas.



Foto 1- Equipe reunida: Cristina, Mantovani, Simone, Érica, Cláudia e Genivaldo.
Foto 2- Porto de Furna com “nosso” barco de pesca atracado. Foto 3- Adeus à Ilha Brava.

O mar da Brava, com todo o seu azul-marinho intenso, não estava tão agitado; no entanto, o balanço prometia uma travessia não tão suave quanto havia sido a anterior, de catamarã.

Em aproximadamente uma hora, aportávamos outra vez em São Filipe. Numa carrinha (“Toyota”), deslocamo-nos até as proximidades do Hotel Xaguate, o maior da Ilha do Fogo e famoso pelo romance homônimo de Henrique Teixeira de Sousa.

Precisávamos, também, passar pelo hospital, visto que nosso companheiro Antonio Mantovani apanhou uma infecção de garganta e precisava ser medicado. Ficamos bastante satisfeitos com o pronto atendimento e a solicitude da equipe médica, que, gratuitamente, até termômetro forneceu.



Hotel Xaguete

A intenção primeira era que todos nós voltássemos a Chã das Caldeiras, mas a visita ao Hotel Xaguete provocou uma mudança de plano. Numa breve reunião do grupo, ficou decidido que apenas Genivaldo iria a Chã das Caldeiras para, no dia seguinte, bem cedinho, subir ao cume do grande vulcão.

Novamente, contamos com a gentileza, os préstimos e a cordialidade do professor Fausto Amarílio do Rosário. Como um bom cicerone, ele foi nos encontrar no Xaguete. Conversa vai, conversa vem, e acompanhados de uns petiscos especialmente preparados para o grupo, iniciamos a gravação de duas entrevistas: uma a respeito dos intelectuais caboverdianos e a relação com Gilberto Freyre, e outra especialmente acerca das tradições orais da Ilha do Fogo.

Fomos, de fato, brindados com um show de história, tudo gravado com nossas câmeras digitais de alta resolução. Coletamos, portanto, um material riquíssimo para o prosseguimento das pesquisas do grupo.

Almoçamos (bife de atum muito gostoso) e fizemos somente uma pequena pausa para descanso, pois a agenda ainda apontava novas atividades em São Filipe e Genivaldo precisava se deslocar até o sopé do vulcão para o seu grande desafio da escalada.

Às 17 horas, um táxi apanhou Genivaldo no hotel para levá-lo até Chã das Caldeiras. Os demais integrantes do grupo, por sugestão do professor Fausto, participaram do lançamento do novo CD do artista Kim Alves, um trabalho muito interessante de releitura e atualização das manifestações musicais tradicionais caboverdianas.

Enquanto isso, Genivaldo chegava a Chã das Caldeiras com uma preocupação que quase o demoveu da ideia de alcançar o pico do vulcão. Durante uma pausa para uma foto, ainda no seu apartamento no Hotel Xaguete, acabou se esquecendo de apanhar a sacola com suas botas de escalada, compradas especialmente para a ocasião. A partir deste momento, considerando que somente Genivaldo efetuou a escalada, vamos ouvi-lo narrar em primeira pessoa a respeito dessa experiência ímpar:

A ESCALADA

Foram instantes de grande hesitação os que passei após me dar conta do esquecimento das botas, pois, considerando ser de grande dificuldade a escalada, sem um calçado apropriado o risco de uma queda aumentava consideravelmente.



Nesse instante, o papel do taxista que me levou até a pousada Pedro Brabo, do Patrick, foi decisivo: conversou com uma das funcionárias da pousada, que, prontamente, apresentou-me dois pares com o número que calço. Um pouco titubeante, decidi ficar.

Com o problema do calçado resolvido e estando tudo acertado com o guia para a escalada, só restava dormir bem para, no dia seguinte, realizar a grande aventura. A noite foi longa, sem conseguir dormir direito, mas o propósito de chegar ao cume seguiu muito firme.

O silêncio da primeira noite dormida em Chã das Caldeiras não foi o mesmo. Um baile na povoação encheu a noite de sons até mais ou menos às quatro da madrugada. Às 6:30 da manhã do dia 13 de dezembro, o guia com nome de poeta famoso de Cabo Verde, José Lopes, e eu começávamos, finalmente, a caminhada. A temperatura girava em torno dos 10 graus e não havia nenhum sinal do sol. A lua ainda dava o ar de sua graça sobre o vulcão.

À medida que a caminhada avançava, o dia ficava mais claro, revelando a linda paisagem da cratera de Chã das Caldeiras. A silhueta do grande vulcão também se mostrava imponente nas bordaduras.

O coração batia mais forte conforme avançávamos e as dores nas pernas, da mesma forma, mostravam que não seria nada fácil completar o percurso. Mas a determinação e a vontade de chegar lá falaram mais alto durante a subida e, após três horas de muito esforço, finalmente o percurso foi completado.



Uma grande sensação de missão cumprida me invadiu dos pés à cabeça. Poder desfrutar da linda e ampla visão proporcionada pela altitude do vulcão compensou todas as dores musculares produzidas ao longo da escalada. O poder da natureza em sua plenitude foi também algo que ficará para sempre na recordação.

Após aproximadamente trinta minutos de descanso, tempo para repor as energias, tirar fotos e contemplar

intensamente a paisagem, demos início à descida. Uma grande apreensão me assaltou, pois os primeiros vinte minutos requeriam muita atenção. Havia risco iminente de uma queda fatal – o que, segundo contou o guia, ocorreu já algumas vezes por aquelas paragens com aventureiros como eu – em decorrência da grande inclinação do terreno.



Ultrapassada a primeira parte, a tarefa se tornou relativamente mais fácil, haja vista que o terreno se transformou numa grande duna e a caminhada vulcão

abaixo metamorfoseou-se numa corrida, só não mais agradável porque as dores nas pernas em decorrência da subida não davam trégua.

Cinquenta minutos depois, já estava de volta ao sopé do vulcão, com a missão cumprida, aliviado por tudo ter saído da melhor forma possível e cheio de vontade de contar ao mundo sobre a grande façanha.

A aventura poderia ter sido ainda muito mais intensa, mas um detalhe acabou interferindo decisivamente: o check-in para o voo à Ilha de São Vicente teria de ser feito às 13:30. Caso eu não chegasse a tempo, o transtorno seria grande e a sequência da viagem ficaria comprometida.

ILHA DE SÃO VICENTE

Dia 13 de dezembro

Com o retorno do nosso atleta no dia 13 de dezembro, experimentamos com gosto outro prato típico caboverdiano, a *djagacida* (espécie de cozido com carne de porco, mandioca, couve, ervilha, milho, bastante pimenta e arroz) e rumamos todos para o aeroporto de São Filipe.



Djagacida

O voo entre a Ilha do Fogo e Santiago foi rápido e muito tranquilo. Fizemos a conexão no aeroporto da Praia – casualmente, encontramos a poeta e então Ministra Vera Duarte, que também seguia para o Mindelo, local onde voltaríamos a

nos reunir com ela para dar continuidade à entrevista iniciada na Praia – e, ao entardecer deste dia – o pôr do sol no Atlântico é inesquecível –, embarcamos rumo a São Vicente. Passada, aproximadamente, uma hora de viagem, chegamos ao Mindelo, considerada a capital cultural do arquipélago e, talvez por isso, um dos mais referidos cenários da literatura crioula.

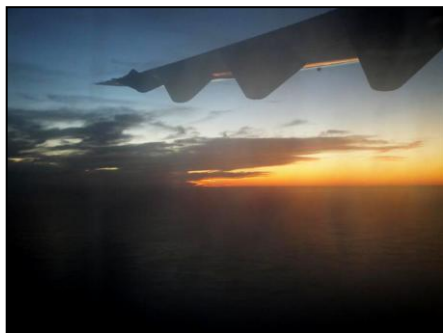


Foto 1- Pôr-do-sol no Oceano Atlântico. Foto 2- Aeroporto de São Pedro, Mindelo, Ilha de São Vicente. Foto3- Paineis de Tchalê Figueira no aeroporto de São Pedro.

Já noite, depois de nos instalarmos no Residencial Beleza, saímos em direção ao centro da cidade – que constatamos ser, de fato, muito parecida com algumas do Brasil –, todo iluminado com pisca-piscas por causa das festas natalinas que se aproximavam, a fim de jantar e respirar um pouco mais a atmosfera mindelense.



Foto 1- Monte Cara ao anoitecer. Foto 2- Residencial Beleza. Foto 3- Vista para o Porto do Mindelo.

Dia 14 de dezembro

No dia seguinte, 14 de dezembro, iniciamos nossas perambulações em busca das atrações turísticas e culturais de São Vicente. A primeira parada foi no Mercado do Peixe, para um contato mais direto com as vendedeiras. Ficamos maravilhados com o desembarque de diversas espécies de peixes capturados durante a noite, sendo o atum a espécie mais esperada.



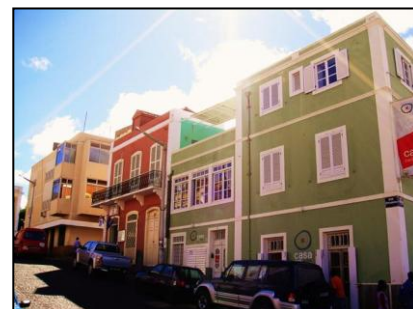
Fotos 1 e 2- Mercado de Peixe. Fotos 3 e 4- Ruas nas proximidades do Mercado de Peixe.

A segunda parada foi no ateliê dos pintores Manuel Figueira, Luísa Queirós e Tchalê Figueira. Como sempre, tivemos uma ótima recepção e uma verdadeira aula por meio da apresentação detalhada do ateliê, das obras e das técnicas utilizadas pelo artista plástico Tchalê Figueira. A visita encerrou-se após a gravação de mais uma entrevista gentilmente concedida pelo artista plástico, que é também escritor.



Equipe reunida com Tchalê Figueira.

Na sequência, visitamos o Centro Cultural do Mindelo e tivemos a oportunidade de apreciar a exposição com as pinturas de Tchalê Figueira, além de comprar peças típicas produzidas por artesãos locais. Comparecemos, ainda, à livraria do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (IBNL) – seção do Mindelo, onde efetuamos mais pesquisas bibliográficas e pudemos adquirir diversos títulos.



Proximidades do Centro Cultural do Mindelo.

Mal tivemos tempo para almoçar e, às 14 horas, rumamos para a Casa d’Ajinha – residência e ateliê de Kiki Lima. Tido como um dos maiores artistas plásticos caboverdianos em evidência, Kiki nos recebeu com muita *morabeza*. Conhecemos todo o ambiente com detalhes, tiramos inúmeras fotos e gravamos uma performance do pintor ao violão e uma entrevista em que, além da técnica utilizada em sua pintura, falou sobre a relação de sua obra com Cabo Verde e seu povo.



Kiki Lima

O dia ainda prometia. Da Casa d’Ajinha, percorremos alguns metros e já chegamos à residência da mãe da escritora, poeta e então ministra da Educação e Ensino Superior Vera Duarte para dar continuidade à entrevista iniciada no dia 09, na cidade da Praia, Ilha de Santiago.

Os momentos passados com a poeta foram um mergulho na história de São Vicente e na infância-adolescência desta mulher de muitas lutas nas diferentes

esferas da vida caboverdiana. Gravamos a entrevista em vários ambientes, entre eles a casa da mãe de Vera – que, ao final, serviu-nos um delicioso *cuscuz* (outra iguaria caboverdiana que consiste numa espécie de bolo feito com farinha de milho e cozido no vapor num recipiente de barro tradicional, o *binde* – acompanhado de manteiga, mel e chá de hortelã –, a Praça Nova e a Rua da Luz. Foi indescritível vivenciar a emoção da poeta ao rever a casa de sua infância e o nome de seu pai ainda presente na porta da entrada.



Foto 1- Gravação da entrevista a Vera Duarte. Foto 2- Chá da tarde preparado pela Sra. Eufémia, mãe de Vera Duarte. Foto 3- Vera Duarte em frente à casa de sua infância. Foto 4- Vera Duarte com a mãe. Foto 5- Praça Nova.

Enquanto foi possível, todos permaneceram juntos na gravação da entrevista. Todavia, o dia não tinha acabado e ainda tínhamos mais um ilustre caboverdiano a ser visitado e entrevistado. Dessa forma, mais uma vez o grupo se dividiu para que este último compromisso pudesse ser realizado com sucesso.

Na casa do escritor Germano Almeida, foi a vez de mergulharmos no universo de sua instigante prosa. E, durante quase duas horas, ouvimos as histórias contadas pelo autor de, entre outros, *O testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*.



A equipe com Germano Almeida.

Para encerrar o dia, jantamos no restaurante Forno, ao som de mornas cantadas ao vivo.

ILHA DE SANTO ANTÃO

Dia 15 de dezembro

Na continuação de nosso périplo pelas ilhas, o dia 15 de dezembro foi reservado para a visita à Ilha de Santo Antão. O barco partia às 8:30, então, mais uma vez, acordamos bem cedo, e a vista que tivemos do hotel para o Monte Cara foi inesquecível. O espaço entre as ilhas de São Vicente e Santo Antão é percorrido em aproximadamente uma hora de viagem.



Fotos 1- Monte cara ao fundo. Fotos 2 e 3- Vista a partir do Residencial Beleza. Fotos 4 e 5- Porto Grande, Mindelo. Foto 6- Barco p/ Santo Antão atracado. Fotos 7 e 8- Interior do barco.

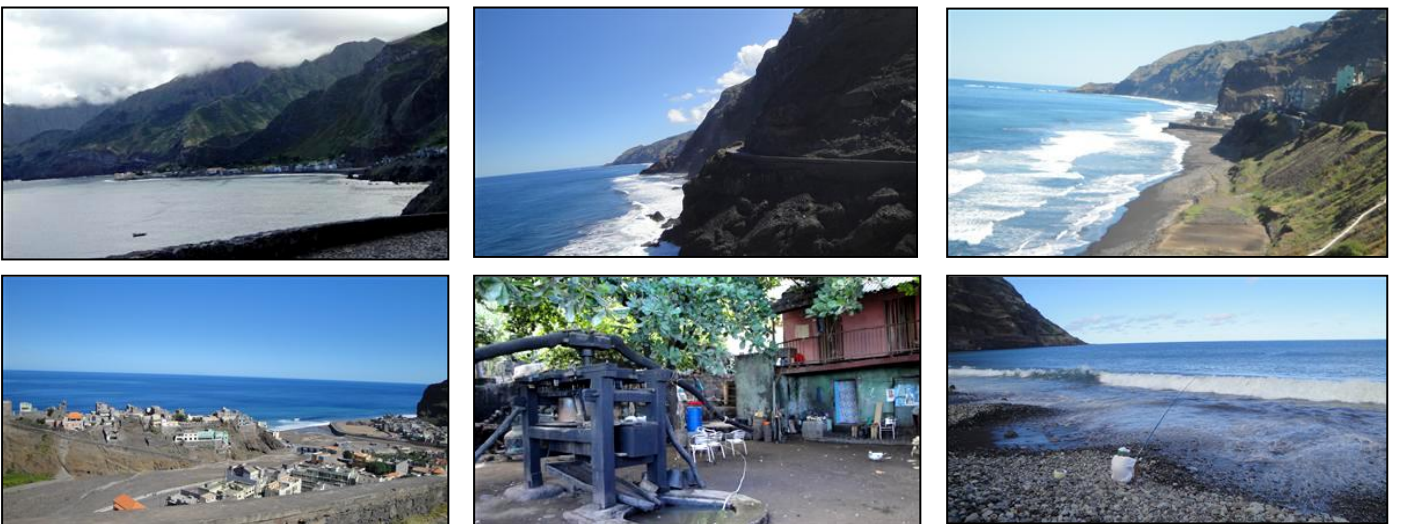
Ao chegarmos, já nos aguardava o Sr. Rozendo, guia e motorista da van que contratamos, no decorrer de travessia de barco, para nosso transporte na ilha de Santo Antão. Iniciamos, então, um belíssimo passeio. Num primeiro momento, subimos até os pontos mais altos da ilha e percorremos localizações como o Pico da Cruz, o Vale do Paúl e a Vila do Paúl.





Ilha de Santo Antão

Na descida, conhecemos a Ribeira Grande, a Ribeira Brava, a Ponta do Sol e a Praia da Sinagoga. Visitamos, com muita curiosidade, alguns trapiches, nos quais pudemos experimentar o legítimo *grogue* (aguardente) de Santo Antão, licores, e sentir com mais intensidade as tradições do mundo rural caboverdiano.





Ilha de Santo Antão

O retorno ao Porto Novo, capital da ilha, deu-se por uma rodovia recém-asfaltada e bastante moderna. O que mais nos impressionou em Santo Antão foi a beleza do verde nos picos mais elevados. A vegetação é totalmente diferente da das demais ilhas por onde passamos. Ficamos com a sensação, em alguns momentos, de estar numa região de serras brasileiras. A beleza dos vales profundos também não passou despercebida, bem como a beleza, a receptividade, a *morabeza* e a alegria contagiante das gentes que habitam lugares tão distantes.

Em todas as ilhas e localidades delas, sentíamos que estávamos numa sala de aula ao ar livre, uma vez que a capacidade das pessoas de nos transmitir a sua experiência de mundo falava sempre mais alto.

No fim do dia, voltamos ao Mindelo e jantamos no Pont D'Água, um complexo turístico localizado em plena Baía do Porto Grande e considerado um oásis urbano, contando com bar e restaurante, lojas, piscinas, parque infantil, esplanadas e outros serviços. Finalmente, seguimos para o Residencial Beleza a fim de descansar.



Pont D'Água

ILHA DE SANTIAGO

Dia 16 de dezembro

Aproveitamos a manhã do dia 16 de dezembro para conhecer um pouco da cidade do Mindelo e para complementar nossas pesquisas no acervo do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, seção Mindelo, e no Centro Cultural Português. Após o almoço, tomamos o voo em direção à Praia, Ilha de Santiago.



Foto 1- Ilhéu dos Pássaros, Ilha de São Vicente. Foto 2- Monumento Gago Coutinho, no Porto Grande, Mindelo. Foto 3- Universidade Jean Piaget, *campus* Mindelo.

Novamente instalados na capital caboverdiana, rumamos para o Centro Cultural Português da Praia e para o Arquivo Histórico Nacional, a fim de efetuar cópias de materiais e dar sequência às pesquisas bibliográficas.

No final da tarde, mediante convite formal, comparecemos à Universidade Jean Piaget (UNIPIAGET) e fomos recebidos pelo Magnífico Reitor Jorge Brito, que nos apresentou todas as dependências do campus, expôs os ideais e projetos institucionais e, posteriormente, levou-nos para jantar no Kapa, um restaurante muito agradável situado junto à Praia de Quebra-Canela.



Foto 1- Universidade Jean Piaget (UNIPIAGET), *campus* da Praia. Fotos 2 e 3- Reunião com o Reitor Jorge Brito. Foto 4- Equipe com o Reitor Jorge Brito.

Dia 17 de dezembro

Nosso dia começou com uma visita à Universidade de Santiago (UNISANTIAGO), cujo campus está localizado em Assomada, no interior da Ilha de Santiago. Na ocasião, também, recepcionados pelo Pró-Reitor de Pesquisa Manuel Brito-Semedo, em representação ao Reitor Gabriel Fernandes, apresentamos nossos trabalhos acadêmicos e foi impresso e encaminhado para assinatura o protocolo do convênio da Universidade de Santiago (UNISANTIAGO) com a Universidade de São Paulo (USP), a fim de viabilizar o intercâmbio de/entre estudantes universitários de ambos os países.



Caminho para Assomada



Foto 1- Universidade de Santiago (UNISANTIAGO). Fotos 2, 3 e 4- Equipe reunida com o Pró-Reitor de Pesquisa Manuel Brito-Semedo e coordenadores de cursos.

Cumpridas tais atividades, ainda em Assomada, conhecemos o antigo Museu da Tabanka, hoje Centro Cultural Norberto Tavares, e, lá, fomos autorizados a fotografar e filmar todo o material armazenado no ambiente (incluindo os bonecos

cuja indumentária e posicionamento nas salas representavam o ritual da tabanka), que seria transferido para o novo prédio do Museu.



Fotos 1, 2 e 3- Centro de Assomada. Foto 4- Biblioteca Municipal de Assomada. Foto 5- Entrada do Centro Cultural Norberto Tavares. Foto 6- Bonecos representando o ritual da tabanka.

Para chegar a Assomada e percorrer o interior da Ilha de Santiago, contratamos os serviços de dois guias-motoristas que nos conduziram em seus dois carros por um valor acessível a todos nós. Nosso próximo destino, assim, foi o Museu da Resistência ou Centro Cultural do Tarrafal, onde funcionava o campo de concentração salazarista em que estiveram presos, por exemplo, os escritores angolanos António Jacinto, Luandino Vieira e Uanhenga Xitu, e o moçambicano José Craveirinha. Fotografamos exaustivamente todo o local e fomos tomados por uma sensação de mal-estar indescritível.





Museu da Resistência ou Centro Cultural do Tarrafal: antigo Campo de Concentração do Tarrafal.

Seguimos até a Praia do Tarrafal e almoçamos – a comida era mesmo muito boa – no restaurante Baía Verde, sentindo a maresia e observando o mar se perder na linha do horizonte. Na saída, aproveitamos para comprar algumas lembrancinhas e/ou artesanatos para os parentes e amigos nas esteiras que se formaram, de repente, pelos moradores locais, que nos viam como turistas e, claro, ávidos consumidores.

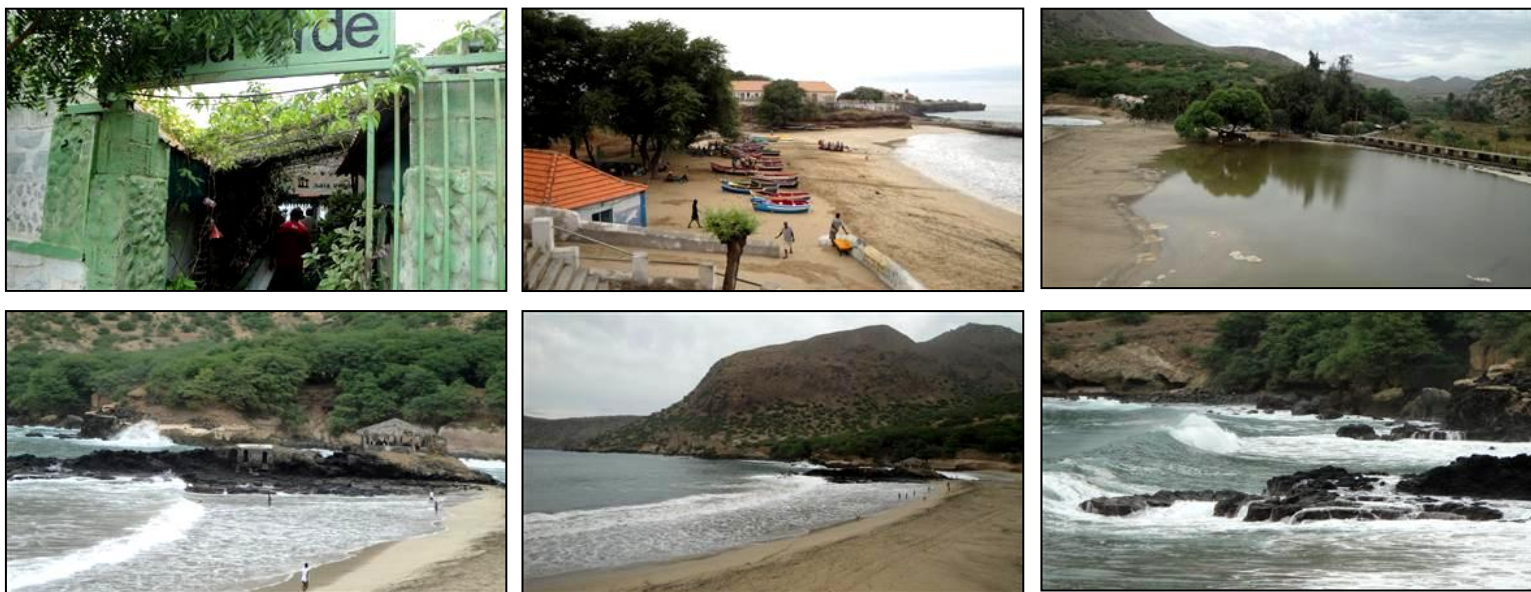


Foto 1- Restaurante Baía Verde. Fotos 2, 3, 4, 5 e 6- Praia do Tarrafal.

A viagem de aproximadamente 70 quilômetros de volta à Praia transcorreu bem e, à noite, participamos do lançamento do livro *Filhas do Vento*, de Dina Salústio, ocorrido no auditório da Biblioteca Nacional e do Livro. A apresentação da obra foi feita por Daniel Medina, em mesa presidida pelo Presidente do IBNL

Joaquim Moraes, de que também participou a Professora Simone Caputo Gomes discursando acerca das obras da autora.



Foto 1- Mesa p/ apresentação da obra: Daniel Medina, Dina Salústio, Simone Caputo Gomes e Joaquim Moraes. Foto 2- Dina autografando exemplar p/ Tomé Varela. Foto 3- Simone ladeada pelo escritor caboverdiano Oswaldo Osório e esposa. Foto 4- Equipe com Marilene Pereira no lançamento.

Dia 18 de dezembro

No dia 18 de dezembro, visitamos a Cidade Velha, localizada no concelho da Ribeira Grande de Santiago, a 15 quilômetros da Praia e, em 2009, declarada Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Conhecemos o Forte Real de São Filipe (situado a 120m do nível do mar, hoje transformado em museu), as ruínas da Sé Catedral (há ainda resquícios dos túmulos dos moradores mais abastados que eram enterrados no interior da igreja), o Pelourinho (local de açoitamento dos escravizados, atualmente é o monumento de uma praça), a Rua de Banana (nomenclatura devida à cobertura das casas com folhas de bananeira, é considerada a primeira rua de urbanização portuguesa nos trópicos), a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (a mais antiga igreja colonial do mundo, construída em 1495 e em cujo pátio se encontra o túmulo do lendário Padre Nicolau) e o Convento de São Francisco (parcialmente destruído por piratas em 1712). Impossível passar por esses lugares sem refletir sobre a colonização portuguesa, suas peculiaridades e consequências. Recolhemos, dessa área, documentação audiovisual minuciosa.



Antigo Forte Real de São Filipe, hoje museu.



Ruínas da Sé Catedral.

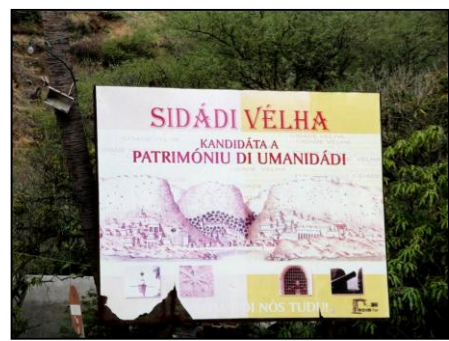
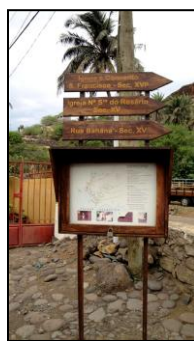


Foto 1- Pelourinho. Foto 2- Placa indicativa de locais da Cidade Velha. Foto 3- Outdoor da candidatura da Cidade Velha a Patrimônio da Humanidade.



Rua de Banana



Fotos 1 e 2- Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Foto 3- Túmulo do Padre Nicolau Gomes Ferreira.



Convento de São Francisco.

À tarde, já na Praia, comparecemos ao campus da Universidade Jean Piaget (UNUPIAGET) e fomos novamente recebidos pelo Magnífico Reitor Jorge Brito, desta vez para a assinatura solene do acordo bilateral entre a referida instituição e a Universidade de São Paulo (USP), representada, na ocasião, pela Professora Doutora Simone Caputo Gomes, coordenadora do convênio.

Dia 19 de dezembro

Os compromissos de nosso penúltimo dia em solo crioulo iniciaram com uma bela entrevista com a intérprete e compositora Tété Alinho, em seu apartamento localizado no mesmo edifício em que estivemos alojados. Realmente foi um

momento muito proveitoso e emocionante, em que Tété Alinho falou de toda sua trajetória como profissional da música caboverdiana, mãe, professora de Educação Física, de sua formação acadêmica e, principalmente, da sua relação com a morna – modalidade musical identitária de Cabo Verde. Foi um prazer poder discutir sobre música, cultura, tradição, sua relação de muita proximidade com a música brasileira e demais assuntos relacionados à vida desta cantora são-vicentina.

Durante o almoço de 19 de dezembro, no Cyber Café Sofia, situado no Plateau, na capital caboverdiana, fomos surpreendidos pelo poeta Arménio Vieira, que de nós se aproximou e acabou se sentando à nossa mesa e conversando amigavelmente sobre literatura, cinema e outros assuntos, sobretudo com a Professora Doutora Simone Caputo Gomes. Ficamos, evidentemente, bastante contentes com o ocorrido, afinal se tratava do vencedor do Prémio Camões!



Cyber Café Sofia.

Mais tarde, voltamos ao Café Sofia para entrevistar o escritor Danny Spínola. Em seguida, convidados por ele, participamos de um sarau literário que contou com a presença de vários escritores, como por exemplo Valentinus Velhinho, e declamadores na sede da Associação de Jornalistas, exatamente onde antes funcionava o primeiro jornal de Cabo Verde, o *Voz di Povo*.



Foto 1- Entrevista a Danny Spínola.
Fotos 2, 3 e 4- Simone, Érica e Genivaldo com Danny Spínola na sede da Associação de Jornalistas.

À noite, jantamos em casa da escritora Dina Salústio, que preparou um bacalhau com natas muito saboroso e nos recebeu com todo carinho. Aproveitamos a oportunidade para pedir autógrafos nos nossos exemplares da obra recém publicada por ela, *Filhas do Vento*, e concluímos a entrevista iniciada logo no início de nossa estada em Cabo Verde.



Dina Salústio e Simone Caputo Gomes

O RETORNO

Dia 20 de dezembro

No dia do embarque de volta ao Brasil, 20 de dezembro, fomos recebidos pela Embaixadora do Brasil em Cabo Verde Maria Dulce Barros em sua residência, ocasião em que, com ela, o marido e a Diretora do Centro Cultural Brasil-Cabo Verde Marilene Pereira, tomamos um aperitivo e em que sugeriu-se a realização de projetos comuns entre a Professora Doutora Simone Caputo Gomes e a Universidade de São Paulo (USP) em interface com o Centro Cultural Brasil-Cabo Verde, sob os auspícios da Embaixada.



Residência da Embaixadora do Brasil em Cabo Verde.

O almoço, nesse dia, foi na residência do casal de escritores Marilene Pereira e José Vicente Lopes, que nos receberam calorosamente e, depois, ainda nos concederam entrevistas.

Após o almoço, dirigimo-nos até o restaurante O Poeta e, em meio a um café, entrevistamos o Professor Doutor Manuel Brito-Semedo, encerrando, assim, o nosso roteiro acadêmico em Cabo Verde.

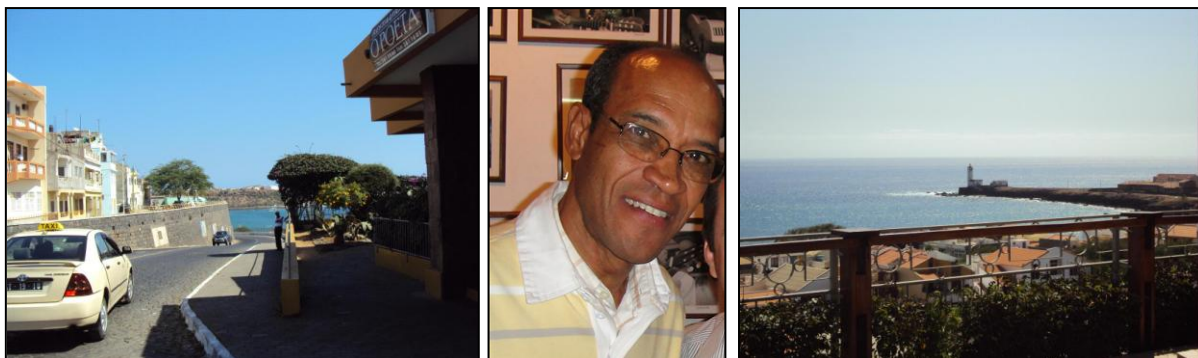


Foto 1- Restaurante O Poeta. Foto 2- Manuel Brito-Semedo. Foto 3- Vista d'O Poeta p/ o farol.

Voltamos para o apartamento e, com muito custo, conseguimos fechar as malas. Nossa bagagem estava realmente homérica na volta, parece que só os rapazes é que se comportaram e voltaram com o mesmo número de malas. Já as mulheres... cada uma precisou de uma mala extra!

Então, chamamos o Sr. Marciano, dono do apartamento, para fazer o acerto do aluguel e, depois de um breve descanso, ele gentilmente retornou para nos levar até o aeroporto. Tocou o interfone e, carregadíssimos de malas e pacotes, fechamos a porta do “nosso pequeno lar estrangeiro” e encerramos o ciclo desta viagem acadêmica que ficará para sempre em nossas memórias.

AGRADECIMENTOS

Para encerrar este Diário Acadêmico, queremos deixar registrados os nossos agradecimentos à Professora Doutora Simone Caputo Gomes, que traçou o roteiro acadêmico, supervisionou todos os passos da viagem e foi a responsável pelo contato prévio para que pudéssemos entrevistar e conviver com inúmeras personalidades caboverdianas da cultura e da literatura. Agradecemos também aos companheiros de viagem e, principalmente, a todos caboverdianos cuja *morabeza* pudemos comprovar ao longo das duas semanas que passamos desenvolvendo

atividades relacionadas aos nossos projetos de pesquisa, em cinco ilhas (Santiago, Fogo, Brava, São Vicente e Santo Antão) das nove habitadas, todas distintas, todas com o seu próprio encanto.

Esperamos que, com este Diário Acadêmico, tenhamos alcançado o nosso objetivo principal, que era proporcionar ao nosso leitor um pouco do que foi o percurso pelas ilhas e do nosso contato com a cultura caboverdiana *in loco*, produtivo e essencial para nossas investigações vinculadas: 1- ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo; 2- à FAPESP, no caso do projeto de Érica – orientada pela Professora Doutora Tania Celestino de Macêdo – e no da Professora Simone; 3- ao CNPq, no caso do projeto da Professora Simone; 4- ao Grupo de Estudos Caboverdianos de Literatura e Cultura CNPq/USP, liderado pela Professora Doutora Simone Caputo Gomes do qual, entre os participantes que realizaram a viagem, consta uma orientanda do Professor Doutor Lynn Mario Trindade Menezes de Souza, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês.

Com certeza, Cabo Verde ainda tem muito para nos revelar. Então, fica a sugestão: vá também ao arquipélago, onde cada uma das ilhas nos proporciona momentos de introspecção, beleza, cultura, alegria no jeito de estar – a *morabeza* – de um povo que surgiu a partir da ambição portuguesa de ocupar os quatro cantos do mundo, mas foi bem mais longe, expandindo, a partir da sua pequenez geográfica, a sua cultura singular às sete partidas do mundo, sempre com a alma na ilha natal.

São Paulo, abril de 2010.

Érica Antunes Pereira
Genivaldo Rodrigues Sobrinho